
A
NOITE
DOS
TEMPOS
Morbius Venzel

HISTÓRIA POÉTICA

A NOITE DOS TEMPOS

ILUSTRAÇÕES: Mayara e Venzel

Mosbine Venzel

DEDICATÓRIA

Esse livro eu dedico a todas as pessoas que nunca deixaram de ser criança, e que sempre carregaram consigo as memórias e as histórias de sua infância.

A todos aqueles que nunca deixaram de sonhar, de viver a sua própria "Terra do Nunca", mesmo depois de crescidos e que acreditam nas fantasias como uma terapia de reviver seus bons momentos da meninice.

Para as crianças de um modo geral, em todas as suas fases de aprendizado e construção do saber, especialmente para as minhas seis crianças Kelvin, Stenner, Iordan, Gustavo, Elinara e Venzel Júnior.

Para meus netinhos Jheizon e João André, e para minha netinha que ainda vai nascer Laura.

A NOITE DOS TEMPOS

Esse livro conta em forma de poesia, a história de uma criança que tem seus medos e receios, como outra qualquer, e que vive numa pequena cidade do interior, onde em apenas uma noite, várias tragédias acontecem sucessivamente, e ela se vê envolvida pelos acontecimentos a sua volta, sem poder fazer parte deles, mas que ficam marcados em sua memória.

A NOITE DOS TEMPOS!

História quase real,
que quase acontece,
num dia em que eu,
quase criança,
estava quase dormindo
e quase sonhando...

CAPITULO I

Anoiteceu em Sariguana,
um lugar esquecido
por Deus...
... e o Diabo,
nas terras do Sertão Proibido!

O dia foi fechando a cara,
com sua “capa preta”
sombria!

Trouxe a noite nos pulmões,
soltou no ar a fumaça
e o escarro negro
de um eclipse.

- Pobre vermes na escuridão! -
A lua escondida gemeu.

CAPITULO II

Assim o sol se escondeu
de vergonha...
devagar...
devagarzinho...
SUMIU!!!

Estava rubro na face,
rôto em seu esplendor,
não venceria as trevas
talvez (eu acho) por amor.

Alguém ainda no trabalho
com uma desculpa
esfarrapada geral, disse:
- A vitória noturna foi um eclipse
crepuscular na cromatia diurna!

Seu Candinho,
metido a "dotô",
Não convenceu ninguém.

CAPITULO III

Mesmo assim um bem-te-vi
que tudo viu...
ainda xingou a noite
de intrometida!
-bem-te-vi, bem-que-eu-vi!

E o pirilampo aceso
pra não zangar o bem-te-vi
alumiou seu jantar!

Mas covardia é confiar
num banquete de insetos
onde vaga-lume
é lamparina...

Bem feito!!!
serviu de sobremesa!



CAPÍTULO IV

Um palmo à frente dos olhos
era um infinito cego,
não se via o nariz!

A noite trazia o medo,
que trazia o desespero,
que trazia o choro.

Cabelos em pé!
dentes rangendo na boca,
até batiam os joelhos
como se fossem
longínquos trovões!